

VIANA, Antonio Carlos. *Cine privé*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



Em *Cine privé*, o escritor sergipano Antonio Carlos Viana dá voz a um grande número de personagens descentradas. São histórias de pessoas muito diversas, desde as crianças miseráveis sendo despejadas do barraco em “Santama Quemo-Quemo” ao playboy que mata a mãe em “Duas coxinhas e um guaraná”. Todas as personagens são, de alguma maneira, constituídas pela morte ou pela violência, temas predominantes nos contos do livro.

Apenas quatro dos vinte contos que compõem o livro têm um narrador extradiegético (em “terceira pessoa”). São eles: “Cine privé”, “Maria, filha de Maria”, “Esperanza” e “O amor de Isa e Nane”. Em todos eles, o foco narrativo se mantém em apenas uma personagem. A história do casal Isa e Nane é narrada da perspectiva da esposa, Isa: é ela que “vê” e “espera”, dentre outras atividades mentais, além do fato mais óbvio de ser ela que sobrevive ao marido. Os outros três contos desse grupo contam a história de seu Manuel (“Cine privé”), Maria (“Maria, filha de Maria”) e Neginho (“Esperanza”), todos com o foco narrativo exclusivo nestas personagens. Desta forma, o narrador extradiegético desses quatro contos funciona como um narrador intra- ou autodiegético (“primeira pessoa”) disfarçado: a narração ecoa a voz das personagens.

Essas vozes descentradas formam uma espécie de panorama do Brasil (ou do Sergipe) contemporâneo. As histórias acontecem em lugares geograficamente diversos, como a cidade (“Tina e as forças cósmicas”), o campo (“Dia de parir cabrito”) e o mangue (“Nós, a maré e o morto”). Segundo o próprio Viana, o “ponto de contato maior entre esses dois mundos, o rural e o urbano, é o de sempre; falo de seres à margem, os esquecidos pelo sistema” (2010). São seres esquecidos e marginalizados no sentido social, da pobreza à miséria extrema, e/ou no sentido moral – cínicos, perversos e assassinos. Nos dois primeiros contos do livro saltamos da família despejada da favela em “Santana Quemo-Quemo” ao playboy assassino de “Duas coxinhas e um guaraná”, percorrendo os extremos do espaço social.

Todos os contos passados em espaços rurais são narrados da perspectiva de crianças, por um narrador que podemos supor já adulto. Apenas “Santana Quemo-Quemo”, passado na periferia do espaço urbano, traz

as marcas de um narrador que narra ainda criança. As histórias narradas da perspectiva de adultos contam acontecimentos recentes, em alguns casos recentíssimos (como se pode ver no suspense final de “Duas coxinhas e um guaraná”).¹ Desses cruzamentos de espaços, tempos e perspectivas, surge uma geografia simbólica que representa o rural e a cidade pequena como espaço da memória, da constituição de uma identidade,² e o urbano, a cidade grande, como espaço da imediatez e de um futuro aberto, suspenso.

Podemos ligar o panorama fragmentário que forma *Cine privé* ao romance *eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato, publicado em 2001. O livro de Ruffato mostra um dia na cidade de São Paulo em 69 fragmentos numerados (e um não-numerado). Não há recorrências de personagens ou fatos entre os fragmentos: a unidade se dá apenas pelo espaço e pelo tempo.³ Cada fragmento emprega técnicas diversas, misturando colagens de texto, elementos gráficos, diversos narradores, fluxos de consciência, etc. Assim, o caos de São Paulo encontra um correlato não só no tema, mas na forma do texto.

Em comparação, *Cine privé* usa o conto como forma de seu panorama. Porém, para além das divergências superficiais entre os livros podemos perceber ligações de fundo. Uma destas é o tema da violência,⁴ que perpassa todos os contos de Viana e a totalidade do romance de Ruffato. Violência como a sofrida pelo “Crânio” – “encheram ele de porrada torturaram / o crânio ficou mal logo ele / contra quem ninguém tem bronca” (Ruffato, 2001, p. 103) –, ou pela menina abusada pelo dentista em “Moonlight Serenade”, de Viana.

¹ Como nota marginal, parece haver uma polarização entre o mundo dos adultos e das crianças: quando o narrador é adulto, protagoniza a ação, quando é criança, a testemunha (com a exceção de “Esperanza”, onde a criança protagoniza).

² O fato de ser um espaço da memória não significa que seja um espaço da nostalgia ou das boas lembranças. Todos os eventos constitutivos são traumáticos em *Cine privé*.

³ **1. Cabeçalho**
São Paulo, 9 de maio de 2000.
Terça-feira.” (Ruffato, 2001, p. 11)

⁴ “a violência
feia tão suja tão
perigosa” (Ruffato, 2001, p. 36)

A morte é outro tema recorrente em ambos os livros. No caso de *Cine privé*, é quase uma obsessão. Morre alguém em quase todos os contos e ocorre um total de cinco enterros, sendo que os dois últimos contos do livro se passam durante enterros. Menos recorrente, a morte em *eles eram muitos cavalos* aparece geralmente como a morte violenta (por exemplo, nos fragmentos 52 e 64).

A ligação mais fundamental entre os livros, no entanto, não está no nível temático, mas na construção narrativa. Tanto nos fragmentos do livro de Ruffato como nos contos de Viana não existe um *outro lado* para as histórias contadas ou mostradas: o mundo narrativo é limitado pela personagem. Este fato não se percebe facilmente em *eles eram muitos cavalos*, com sua aparente polifonia (na verdade, colagem), mas aparece com toda a clareza em *Cine privé*. O primeiro conto deste livro, “Santana Quemo-Quemo”, conta, pela voz de uma das crianças, o despejo de uma família que morava em terreno invadido, seguido pela demolição da casa. A razão do despejo, o fato de o terreno invadido ser área de preservação ambiental, aparece apenas de passagem. Não há discussão sobre os valores naquele momento opostos (e, de certa maneira, ambos válidos) da preservação e do direito à moradia, nem se dá voz ou humanidade aos operários que realizam a demolição. A limitação do mundo do narrado aos limites do mundo do narrador (ou à perspectiva da personagem-foco) é respeitada e reforçada exaustivamente neste conto e em todos os seguintes. Dessa maneira, o livro de Viana é tão fragmentário quanto o do romance de Ruffato: são vinte perspectivas limitadas, fechadas, que não se cruzam, e que só nos seus interstícios permitem imaginar um panorama.

O conto-título do livro de Viana, “Cine privé”, é um microcosmo dessa visão. Um dos poucos com narrador extradiegético, ele conta a história de seu Manuel, que trabalha de faxineiro num cinema pornográfico, limpando cabines de projeção privativa. O dia-a-dia de seu Manuel é narrado em minúcias, das técnicas que ele usa para limpar as excreções ao nojo de sua esposa quando ele chega em casa diariamente. Para seu Manuel, os homens que saem das cabines são “aqueles homens cabisbaixos, envergonhados do que andaram fazendo lá dentro” (p. 23).

No entanto, seu Manuel tem seu próprio cine privé: atrás do setor das cabines privativas funciona um teatro onde há apresentações de sexo ao vivo, e, em noites de pouco movimento, seu Manuel espia o show “por uma brecha no tabique” e “fica de um jeito que tem vergonha até de si mesmo” (p. 25) – isso, mesmo percebendo o caráter de encenação do show, onde os membros são de plástico e muitas das mulheres são homens transsexuais. Da posição de leitor, podemos perceber a conexão entre os “homens cabisbaixos” e seu Manuel, mas a própria personagem não a percebe.

O cotidiano de sofrimentos e desejos de seu Manuel pode ser contrastado com outro conto que trata de um tema semelhante: “Sêmen de outras pessoas”, de *O livro das cousas que acontecem*, de Daniel Pellizzari (2002). Castilho, a personagem principal, também trabalha limpando cabines privé (nesse caso, de uma *sex shop*) – um trabalho que, ao contrário de seu Manuel, não considera tão ruim. Seu cotidiano de trabalho também é descrito em detalhes pelo narrador extradiegético, incluindo técnicas de limpeza. O conto de Pellizzari, porém, acrescenta um *evento* no cotidiano banal: Castilho atinge uma espécie de iluminação mística ao provar o sêmen que escorre do televisor de uma das cabines.

Nada parecido com essa surrealidade⁵ ocorre nos contos de *Cine privé*: neles, não há transcendência possível. Como nas diversas cabines do conto-título, ou na brecha do tabique de seu Manuel, assistimos recortes crus de uma realidade violenta e banal – um mundo, como o autor, “pessimista até o último grau”.⁶ Nesses contos, o leitor é o *voyeur*.

Referências

- PELLIZZARI, Daniel. *O livro das cousas que acontecem*: fábulas metarrealistas. Porto Alegre: Livros do Mal, 2002.
- RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Boitempo editorial, 2001.
- VIANA, Antonio Carlos. *Cine privé*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- VIANA, Antonio Carlos. Entrevista concedida a Rafael Rodrigues, do site UOL. Disponível em: <<http://literatura.uol.com.br/literatura/figuras-linguagem/28/antonio-carlos-viana-fica-dificil-ser-otimista-num-mundo-em-161131-1.asp>>. Acesso verificado em: 4 de abril de 2010.

PEDRO MANDAGARÁ
Doutorando CNPq/PUCRS

Recebido: 02 março de 2010
Aprovado: 23 abril de 2010

⁵ No subtítulo de seu livro, Pellizzari caracteriza seus contos como “fábulas metarrealistas”.

⁶ “Eu sou um pessimista até o último grau. Se algumas personagens, como o menino do conto “Santana Quemo-Quemo”, que abre *Cine privé*, descobre algo de bom no meio da desgraça, não significa para mim a esperança, mas um elemento de humor – humor ácido, é verdade – que faz ainda maior o drama. Fica difícil ser otimista num mundo em que não há muitas saídas para quem está à margem de tudo.” (Viana, 2010)